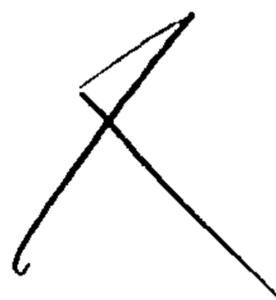


PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP



Nº. de referência: 1

Título: "LAURINDA"

Título da Série: MINI TEATRO

Autor (obra original): CORREIA, ROMEU

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 12/2/1975

Data de Emissão: 19/2/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
LIA GAMA	LAURINDA
VICENTE GALFO	LUÍS
PANÃO E GASTRO	SENHORA GOMES
JOSÉ GOMES	GUARDA - NOTURNO
SANTOS MANUEL	PAI
ADELAIDE JOÃO	MAE

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

Reis

(V.S.F.F.)

Notas:

- DIRECTOR ARTÍSTICO - NORBERTO BARROCA

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA N° <u>135</u>	PROGRAMA <u>1º</u>
DATA DE ENTREGA <u>12/2/75</u>	EMISSÃO DE <u>24/2/75</u>
PELIDO DE GRAMA ROMEU CORREIA A GRAVAR EM <u>19/2/75</u>	<u>15-30</u> HORAS VISTO
HORA <u>10.00</u>	
NÚMERO DE FOLHAS DE GRAVAÇÃO	

"LAURINDA"

(Peça em um acto)

FIGURAS .

LAURINDA 18 anos
 Luis 24 anos
 Senhor Nomes 48 "
 Guarda Nocturno 34 "
 Pai 55 "
 Mãe 53 "

Um quarto interior, à esquerda, uma porta que dá acesso à escada do prédio. É desolador o mobiliário: uma cama de ferro, uma mesinha; sobre o tampo: um candeeiro de petróleo. Escuridão absoluta. Quando o pano sobe, entram dois vultos que mal se divisam na penumbra da escada. Ele, Guarda Nocturno, vem munido de uma lampada que alumiará os moveis e a sua interlocutora, Laurinda, segundo a conveniência de encenação. A rapariga traja um vestido garrido, curto, "baton" excessivo nos lábios; numa das mãos baloiça uma malinha.

GUARDA - É por você ser boa rapariga, acredite, que eu a acompanho cá acima .

LAURINDA - O senhor tem um grande coração ...

GUARDA - Subir um quarto andar ... alumiar-lhe os degraus ...

(A lanterna alumia a casa e a mesinha)

LAURINDA - Não faz o mesmo a todas as inquilinas ?

GUARDA - Só a si.

LAURINDA - Que gentileza !

GUARDA - É uma escada tão escura ... tem uns degraus tão falsos ...

LAURINDA - E ratos ? Deve ter muitos ratos, não ?

GUARDA - Ratazanas ! Parecem coelhos !

- LAURINDA - Que nojo !
- GUARDA - Só nojo ? Não sente medo delas ?
- LAURINDA - Também . Mas temo mais os homens ...
- GUARDA - Nem todos .
- LAURINDA - Os que falam assim são os piores .
- GUARDA - Os piores, porquê ?
- LAURINDA - Eu sei lá ! Os homens são todos da mesma marca . (Boceja)
Estou morta de sono, sabe ? Bem, o senhor vai-se embora
e eu fico .
- GUARDA - (Divagando): Está uma madrugada tão serena... Até apetece
uma pessoa ficar a falar, a falar, mergulhada neste
sossego, sem o menor cuidado pelas dividas que nos
apoquentarão amanhã ...
- LAURINDA - Esteja quieto !
- GUARDA - Não acha que isto é assim mesmo ?
- LAURINDA - Cada maluco tem a sua maria . (Noutro tom) : Isso é de
nascença ?
- GUARDA - O quê ?
- LAURINDA - Fala pelos cotovelos sobre coisas que não nos interessam .
- GUARDA - Sou uma vocação perdida : talvez um engenheiro, um
arquitecto ... Coisas ! (Saudoso) : Em menino, fui uma
criança encantadora ...
- LAURINDA - Vaidades ! (Dá-lhe uma palmada) : Esteja quieto !
- GUARDA - Usei camisas de renda, calções de veludo ... bati em
criadas fardadas que me enchiam de carinho ... "Menino
Carlitos, para a direita ... Menino Carlitos, para a
esquerda !..." Fui um reizinho . Era eu e mais duas
irmãs . Nesse tempo, os meus velhotes não se cansavam
de repetir: " O pequeno, se Deus nos der vida e saúde,
há-de ser doutor" ! (desolado) : Afinal ...

- LAURINDA - ... Acabou por não dar nada na escola ...
- GUARDA - Não fui dos piores ; mesmo assim isto de se tirar um curso é só questão de um tipo empinar as lérias que os professores nos receitam . O que não faltam por aí são bestas com rótulo de doutor '
- LAURINDA - Agora chame-lhe nomes ...
- GUARDA - É assim mesmo, menina Laurinda . Mas o meu caso foi outro . O velhote partiu desta para melhor e ... não tive outro remédio: arrumar-me no que apareceu .
- LAURINDA - (um pouco interessada): As suas irmãs casaram bem ?
- GUARDA - Bem ... Uma vive com um condutor dos electricos; a mais nova está lá para Africa com o marido .
- LAURINDA - (troquista) : E o senhor anda de espada e pistola a meter medo aos ladrões ...
- GUARDA - Triste vida a do Guarda Nocturno, não é o que queria dizer? É un officio como outro qualquer . Concorri a todos os empregos, foram empenhocas e mais empenhocas - e só me deram este .
- LAURINDA - (bocejando) O senhor quando chega a estas horas não sente sono ?
- GUARDA - Durmo de dia; de resto, o nosso corpo faz-se a tudo .
(pausa) E o seu o que é ?...
- LAURINDA - (sem estender) ... O meu ?'
- GUARDA - ... o seu officio ...
- LAURINDA - Que tem o senhor com isso ? (Mudando de conversa) : É verdade: deu alguma vez tiros com essa pistola . (Nova palmada): Esteja quieto '
- GUARDA - (elevando a voz) Pelos vistos não tenho resposta, pois não ? (Outro vez meigo): Diga-me, qual é o seu officio ?
Você não está em casa do Papá nem da Mamã ...

- Laurinda - Que lhe poderá interessar a si ?
- GUARDA - Um guarda nocturno deve conhecer as profissões dos seus inquilinos . Falta-me a sua ...
- LAURINDA - Trabalho ...
- GUARDA - (experiente, desconcertante) : Andas aí pelas ruas ?...
- LAURINDA - (zangada): Bem, o senhor volta à sua vida - moída estou eu !... (Bramando) : Não ouve ?
- GUARDA - (deitando água na fervura) Hã ! Hã! Querem ver que te zangaste ?!
- LAURINDA - Scia ! Ponha-se daqui para fora !... Eu quero fechar a porta !...
- GUARDA - És assim tão picadinha das bexigas ?!
- LAURINDA - O senhor, deixe-me !... Vá-se embora ! (Ele faz-lhe nova carícia no roto). Esteja quietinho ! Olhe que eu grito ...
- GUARDA - pelo Guarda ? (Ri) . Era um escandalo dos diabos ! Acor-davas o prédio todo ... Évita a birra (Volta a lanterna para o rosto dela). Gosto da tua cara, sabes ? Tens um bonito cabelo, uns olhos de fazer perder um homem !
- LAURINDA - (Saturada, exausta): Vá-se embora. Peço-lhe . Estou morta de sono .
- GUARDA - Tiveste pouca sorte, não ? Namoraste um mariola, acreditaste nele ... Um disco já batido . Mas eu gramo-te deveras . Já tenho sonhado contigo ...
- LAURINDA - Então ?! Vai-se embora ou não vai ?! Foi a última vez que me veio acompanhar .
- GUARDA - Faço-o com bastante prazer .
- Laurinda - Interesseiro !
- GUARDA - Não gosta de mim ?

LAURINDA - Estou morta de sono ... (Já farta) : E a sua mulher ?
Ela sabe que o senhor é assim tão maçador ?...

GUARDA - (Sério) : A minha mulher não é para aqui chamada .

LAURINDA - Olha ! Olha ! Querem ver que se zangou ?

GUARDA - A minha mulher é ...

LAURINDA - ... é uma mulher (Resoluta) : Acabemos com isto !
O senhor vai continuar com o seu serviço e eu fico.
(Empurra-o para a escada) . Boa-noite !

GUARDA - Com esse feitio não deves ter sorte nenhuma . Vocês
quando começam têm uma mania ... Principiante ! (Sai)

(Laurinda fecha a porta. Risca um fosforo,
cuja caixa tirou da malinha e acende o
candeeiro . Senta-se na cama . O sono
pesa-lhe imenso . Descalça um sapato .
O calçado fica abandonado no sobrado .
Estira-se sobre o leito . E, lentamente,
assim deitada, vai desabotoando a blusa
... Adormece).

UM VOZ LONGINQUA - Ó Laurinda ! Laurinda !

OUTAR VOZ - Filha ! Eu sou e serei sempre o teu pai !

A VOZ DO GUARDA NOCTURNO - (Rindo) Com esse feitio não deves ter
sorte nenhuma ...

(Laurinda em profundo dormir, volta-se
para o outro lado . A cena tornou-se
vermelha . Guarda Nocturno surge, em
passos cautelosos).

GUARDA - (A meia voz e misteriosa): Façam favor de entrar ...

(Os pais de Laurinda entram, trajando
pobrememente: ele de ganga, boné, barba
de dias; ela, de chinelos, um xaile pelos
ombros. Ambos curvados, tímidos).

- GUARDA - (Projecta a luz da lanterna sobre o rosto de Laurinda):
Vejam se a conhecem ...
- PAI - A Laurinda !
- MÃI - A minha filha a dormir vestida !
- GUARDA - Estão satisfeitos ? Agora é com os senhores .., Eu vou
terminar o meu servicinho ...
- PAI - Muito obrigado !
- MÃI - O senhor foi um anjo que nós encontramos .
- GUARDA - A porta fica aberta ; quando quiserem sair ... (Sai)
- PAI - Vou acordá-la .
- MÃI - (Hesitante) : Espera Anselmo . Que lhe vais dizer ?
- PAI - Perguntar-lhe a razão porque nos fugiu, nos abandonou .
- MÃI - E sempre queres levá-la ?
- PAI - Claro que vai ! A sua casa não é aqui . Lá junto de
nós ...
- LAURINDA - (Abre os olhos e, ao dar com os pais, sobe para a cabe-
ceira do leito, soltando um grito medonho):
NÃO ! NÃO !... (Tremula) : Que pretendem de mim ?!
- MÃI - Filha, somos nós ... Queremos o teu bem ...
- PAI - Levanta-te Laurinda . Há dias que te procuramos sem
descanso ...
- MÃI - Tenho chorado tanto !
- LAURINDA - Deixem-me ! Eu não volto lá para casa ! Não volto mais !
- PAI - Nós somos os teus pais, não te podemos deixar aqui sem
ninguém .

- LAURINDA - (descendo para o sobrado) Desapareçam ! Nem que me levassem de rastos !
- MÃI - Filha, nós só queremos o teu bem ... Deves vir conosco ... (Tira o xaile dos ombros, e pretende cobri-la):
Põe este xaile pelos ombros, a manhã está fria .
- LAURINDA - Saíam do meu caminho !
- PAI - (Irritado) Laurinda ! Aceita o xaile das mãos da tua mãe, e não discutas, ouviste ?! Se não fores a bem vais a mal !
- LAURINDA - Eu já não sou a vossa filha . Essa . a outra que eu fui, morreu ... Mataran-na v'cês ... naquela noite !... E foi uma noite tão fria !... Tão fria !... E tu, mãe, não apareceste lá com o teu xaile para me cobrires ... E eu fiquei gelada ... toda gelada ...
- MÃI - Quisemos sempre o teu bem .
- PAI - Mas tu persas que me vais comover ? Tu julgas-me velho, doente : como te enganas, Laurinda ! As minhas mãos ainda não perderam o vigor, mãos fortes, mãos brutas do trabalho !... (Exibe as mãos que tremem).
- LAURINDA - (Fixando as mãos dele, horrorizada) : As suas mãos ... Foram as suas mãos !... Essas - as tais ...
- PAI - Que pretendes ensinar ?!
- LAURINDA - Foram elas que receberam o dinheiro ...
- PAI - (furioso) Mentas, velhaca ! (Agarra-a por um pulso):
Não me foges, estás bem presa !...
- LAURINDA - Deixe-me ! Largue-me o braço !
- MÃI - (Inquieta) : O prédio está cheio de gente, Anselmo !
- PAI - Vou dar parte de ti à Policia ! Dizei que és minha filha ... Serás presa por vadia !...

- LAURINDA - Parte de mim ? à Policia ?' (R1, r1 nervosamente)
- PAI - Irás para uma casa de correcção ! Sou o teu pai, basta eu falar : logo te deitarão as mãos !
- LAURINDA - (R1): A Policia ... Prenderem-me ?...
- MÃI - Tudo isto é uma vergonha ! Estas coisas vêm sempre nos jornais ...
- LAURINDA - (Fixa-a; depois, condoida) : Descanse mãe , Isto já não vem nos jornais ... Ha tres dias que deixei de ser vadia ... Deram-me um passaporte nocturno .
- PAI - (Num pasmo) : Que vergonha !
- MÃI - (Verga-se sobre o leito, soluçando): Nunca eu tivesse vindo ... Nunca tivesse subido esta escada ...
- (Viven um momento de nudez: o Pai, de pé, abismado, abana a cabeça; a Mãe soluça; Laurinda vai até à porta, abre-a um pouco e fica a olhar a escada) .
- LAURINDA - É quasi manhã .
- PAI - Como o tempo passou depressa ... (Noutro tom) : Ha três dias ... Se me tivesses dito ... eu ...
- LAURINDA - É quasi manhã, Pai: lembre-se que daqui à fabrica é longe ... Às oito, soa o ultimo apito ...
- LAURINDA - O último apito ... O meu último apito ...
- MÃI - Porque nos abandonaste, Laurinda ? Nós precisávamos de ti ...
- PAI - (Exibe as mãos tremulas): Foram estas mãos, que começaram a tremer, a tremer ... Eu não tive culpa, Laurinda. Há trinta e sete anos que fazia aquele serviço,

fui para lá uma criança ,... As ferramentas ... as máquinas, as paredes da fabrica - vivi nelas trinta e sete anos !... Não tive a culpa, Laurinda ! Eu ben queria ter firmeza, ben apertava os manipulos ... Mas elas tremiam-me, tremiam-me ... É um bebado, diziam. Bebado !... E eu sempre a apertar , a querer dominar as malvadas ... Mas não podia ! Eu não podia ! Elas estavam loucas ... E tiraram-me do torno ... Tiraram-me de lá ..

MÃI -- O teu pai era um artista, Laurinda .

PAI - Trabalhei trinta e sete anos entre aquelas paredes, aquelas máquinas - e chanaram-me bebado, e tiraram-me do torno !... (Bate no peito): Ele era meu !... meu !... só meu !... (Exibe as mãos): Mas foram as minhas mãos ... E puseram-me na rua !... na rua, por bebado !

MÃI - O teu pai era um artista ... E quando casou comigo, não bebia vinho. Juro-te !

PAI - (Vê as mãos, chora): Malditas !... Malditas !...

MÃI - Volta para casa Laurinda. Queres o meu xaile ? Olha que a noite está fria . (Indo a ela de xaile aberto)

LAURINDA - Não ! Saiam ! (Abre a porta) : Saiam, por tudo lhes peço .

(Pausa ; a Mãe desfaz lentamente a posição do xaile e põe-no pelos ombros)

PAI - Está bem . Nós fazemos-te a vontade. Fica descansada.

MÃI - Irnos sem ti ... custa-me .

PAI - (Para a Mãe): Ela é livre ... Ninguem tem nada com isso ... Vamos ?

- MÃI - Sim .
- PAI - Adeus .
- LAURINDA - Adeus .
- MÃI -(Voltando): Ouve, Laurinda: como sabes, o teu pai já
não está na fabrica ... e nós ...
- LAURINDA - (abre a malinha e tira dinheiro, que entrega, sem contar):
Peguen .
- MÃI - Obrigada . Desculpa ... (Noutro tom) . Anda, Anselmo .
- (Saem, muito unidos, mirrados; e a cena
vai ganhando agora uma tonalidade azul)
- LAURINDA -(Assombrada); Azul !... Outra vez esta cor ?'
- (À sua rectaguarda, divisa-se um vulto -
Luis. É um rapaz franzino, tímido, traja
casaquino coçado, umas calças acastanhadas)
- LUIZ -(Chamando) Pst ! Pst ! Laurindinha !
- LAURINDA -(Receosa): Chamaram por mim !...
- LUIZ - Sou eu !... Volte-se ...
- LAURINDA -(Obedece) Luiz (Recua)
- LUIZ -(Indo a ela): Sou eu ... Pode crer. Dê-me as suas mãos...
- LAURINDA - Não me toque !
- LUIS - Mas porquê ?
- LAURINDA - (voltando o rosto): Eu não o quero ver !
- LUIS - Não compreendo ...
- LAURINDA - Esqueça-me .

- LUIS - (Ingenuo) : Se soubesse como a tenho procurado. Os seus pais não me têm querido dizer o seu paradeiro, mas eu hoje segui-os. E, finalmente, encontrei-a ! (Pega-lhe nas mãos; ela cede. Notando-lhe ncu aspecto). Como está palida !... Abateu imento ! Tinha umas faces rosadas uns olhos brilhantes ... Não se pinte assim, Laurindinha. Ponha só um bocadinho de pó de arroz - e basta. (Noutro ton) Mas que coisa ! A tristeza dos seus olhos, as faces assim tão cavadas, preocupam-me, Laurindinha . Sen - - indiscrição, que tem feito ? Já arranjou trabalho noutra loja ?
- LAURINDA - (Condoida) Eu já não sou quem o senhor julga. Aquela rapariga ...
- LUIS - (Não a deixando concluir, risonho): O Senhor Gones contou-me tudo.
- LAURINDA -(Chocada): Ele contou-lhe ? Mas como pode esse homem saber da minha vida ? Sim, o que pode ele saber ?
- LUIS - (Convicto) Sabe. Ora, ora ... A menina Laurindinha, sabe perfeitamente que ele sabe. (Segredando) Ele abriu-se comigo. Mal se deu aquele escandalo lá na loja com a senhora do patrão, ele contou-me logo tudo. Eu, de resto, mal ouvi aquela malcriadona, compreendi logo que havia ali uma grande soma de ezagero .
- LAURINDA - E que pretende o senhor agora de mim ? Vá, diga ?
- LUIS - O que pretendo ... é o que pretendia ... A Laurindinha sabe que eu só tenho uma palavra (Ela chora) Mas está a chorar ? Ah, isso é que não vale !
- LAURINDA - Você é muito bom rapaz , Luis . Muito !... (Noutro ton). Logo, quando abrir a loja, vai dizer ao patrão que me encontrou aqui, num quarto, abandonada; que

eu estou mais magra, com a boca mal pintada - e que mais ?

LUIS - Não diga isso pela sua saúde !

LAURINDA - (Sorrindo) Ele é o seu patrão e, para mais, desabafa consigo segredos íntimos ... (Recordando) "Sapataria Gomes, especialidade em calçado de Senhora", diz na tabuleta da entrada, nas montras, diz nas caixas que enpilha - lia-se isso por toda a loja. Eu estava na caixa todo o dia; o Luis, cá em baixo, numa roda viva a calçar e a descalçar a clientela ...

LUIS - (Deslumbrado) : Oh ! como te recorda ! ... Eu, durante todo o santo dia - nem calcula - passava a deitar projectos: "Quando for aumentado, peço-lhe namoro". E ria-ne, ria-ne, de quando em quando para si .

LAURINDA - O Luis ganhava tão pouco: Seiscentos e vinte. Pelo Natal, podia escolher um par de sapatos, de graça ...

LUIS - (Levanta um pé): Lembra-se destes ? Foram escolhidos a seu gosto ... E os seus ? A Laurindinha também chegou a adquirir uns assim ? Ah ! está em palmilhas de meia ?! Olhe que a manhã está fria ! ... (Procura-lhe os sapatos debaixo da cama; depois observa-os, com decepção). Estão tão velhinhos ! ... (Indica-lhe a cana) Sente-se.

LAURINDA - (Obedece; ele calça-a como se estivesse na loja a executar a sua profissão): Tenho andado muito ...

LUIS - Que largos ! Nem precisam de calçadeira... (noutro tom) Só muito tarde compreendi que o patrão, o senhor Gomes, gostava também de si. E como ele já sabia que a menina não me era indiferente, durante o serviço, ao menor deslize, insultava-me logo: "Estúpido ! Azenola ! Burro !" - era tudo para me ridicularizar perante si .

- LAURINDA - (Sincera): Custava-me tanto ouvi-lo. Porque não me falou mais cedo ?
- LUIS - Ele não me aumentava ...
- SR. GOMES - (Surge da penumbra e chama pelo empregado): Luis !
O Luis '...
- (Pavor entre os jovens, que se ocultam. Gomes, bonacheirão, traz nos dedos uma paciência de cordel...)
- GOMES - Onde te meteste, rapazinho ? (Descobre-o). Anda cá ! (Luis aproxima-se, desconfiado). Tu sabes tirar a "sardinha" ?
- LUIS - (Embasbacado): A "sardinha"...? Ah ! Isso ...
- GOMES - (Olhando para o fundo receoso): Calcula que a Teresa não soube ... Não soube e deixou-me com estes cordeis ensarilhados nos dedos '...
- LUIS - Há tantos anos que não faço disto ! ...
- GOMES - Não treças, rapazinho ! Não ha razão para tal !...
- LUIS - Razão, ha ... O senhor é o meu patrão e eu gostaria de lhe ser agradável ...
- GOMES - (Impaniente): Vanos ! Então ?
- LUIS - Valha-me Deus ! Parece-me que já me esqueci !...
- GOMES - (Rosnando): Tira-me isto de qualquer maneira!...
Depressinha '... (Noutro tom) Tu não a ouves ?
- LUIS - Quem ?
- GOMES - A minha mulher ! Hoje está impossível ! Aquela criatura arrasa-me os nervos !
- LUIS - (Acertando): Agora ... agora ... (Tira a paciência para as suas mãos). Pronto ! (E faz menção de desfazer o cordel).
Que alívio !...

- GOMES - Não desmanches, burro ! Deixa-me estar junto de ti ...
- LUIS - Ah, o patrão quer fingir que está a brincar comigo ?!
- GOMES - Enquanto a minha mulher estiver lá dentro ...
- Percebeste ?
- LUIS - Perfeitamente ! Perfeitamente !
- GOMES - E se nos sentássemos ?
- LUIS - O senhor manda ! (Sentam-se na cama. E a paciência vai passando de um para o outro...) Vê, patrãozinho ...?
- Eu já não treno ... Estou aqui ao seu lado e é como se estivesse ... nem eu sei orde !...
- GOMES - Acredita, Luis, que eu não sou má pessoa. São mais as nozes que as vozes. (Noutro tom) : Tu não sabias que eu gosto de conviver ?
- LUIS - Não tinha reparado ...
- GOMES - Ah, adoro ! E bastantes dissabores me têm custado ! Ha dias por dar umas voltinhas de automovel com a Teresa ... nem calculas o pé de vento que foi !...
- LUIS - Mas se o Sr. Gomes sabe que a sua senhora não gosta ...
- GOMES - Que mal ha num patrão ser sociável com os seus empregados ?
- Agora não estamos os dois aqui tão entretidos ?...
- LUIS - É verdade !
- GOMES - Gosto de conviver ! Fui sempre um ente profundamente sociável !...
- LUIS - Lá isso ! Todas as empregadas da loja gabaram os passeios de automovel ! A Maria júlia, a Zulmira ...
- GOMES - Nada de romes ! Parvo ! Não sabes que ela está à escuta ?
- LUIS - (Confundido, desfaz a paciência nas mãos): Que cabeça a minha !
- GOMES - (Depois de escutar o furdo): Tenho um favor a pedir-te...
- LUIS - A mim ? Oh, Sr. Gomes, tudo o que a minha pobre pessoa ...!

- GOMES - (toma-lhe as mãos, agradecido): Acredita que terás uma recompensa ... pensa ...
- LUIS - Não se incomode !
- GOMES - Já reparaste bem na última empregada ?
- LUIS - Na menina Teresa (Sorrindo) Das nove da manhã às sete da tarde não vejo outra coisa !...
- GOMES - E que tal ?
- LUIS - (ingenuo) : É muito boa empregada ! Atenciosa para a clientela, rápida nos trocos ...
- GOMES - Não é isso ! (Passando os dedos pelo rosto). Gostas dela ?
- LUIS - (Ainda sem compreender): Gosto .
- GOMES - (Radiante, dá-lhe uma palmada nas costas): Catita ! (Segreda-lhe): Namora-a que eu dou-te o dobro do ordenado .
- LUIS - (Firme): Para isso não conte comigo !
- GOMES - Porquê ? Não és tu um homem solteiro e ela uma rapariga interessante ?
- LUIS - De acordo ! mas ...
- GOMES - Qual "mas" !... Atreves-te a ter preferências ?!
- LUIS - Talvez !
- GOMES - Quem é ela (Agarra-o pelas bandas do casaco) . Fala palerma !
- LUIS - Não ha dinheiro que valha o meu amor pela menina Laurindinha !
- GOMES - Por quem ... ?!
- LUIS - (Digno, quasi num grito): Pela menina Laurindinha !
- GOMES - (Receoso, tapa os ouvidos): Fala baixo: Tu queres que a minha mulher oiça esta conversa ?! Estupido ! Idiota ! (Com renovada pericia): Um homem novo como tu deve variar de amor ... Hoje uma, amanhã outra ... A vida é composta destas mudanças sentimentais ...

- LUIS - No meu coração não ha lugar para outro amor .
- GOMES - (Brincalhão): Olha para a carinha dele!... (Dá-lhe un toque na barriga). Quem te meteu pelos olhos dentro essa tal Laurindinha ?... Quem te pôs a papinha na frente ?... Quem foi ?...
- LUIS - (Comprometido): Isso não é verdade !
- GOMES - (Cruzando os braços) (Agastado): Oh, Luis, tu és capaz de negar isso na minha cara ?!
- LUIS - Muito antes de o Senhor me fazer esse pedido ... já ela vivia nos meus olhos ...
- GOMES - (Num crescendo de rancor): Velhaco ! Percevejo reles !
Eu esborracho-te !...
- LUIS - Não !... Não !... (Gomes agarra-o pelo casaco, e tenta vergá-lo) Laurindinha ! Acuda-me, Laurindinha !...

(Laurindinha, que estivera inóvel na penumbra, desce à claridade da boca de cena)

- GOMES - Quem é esta mulher ?
- LUIS - (No chão): É ela .
- GOMES - A rapariga que esteve na minha loja? ! Será possível !?
- LAURINDA - Olhe bem para mim ! Mudei assim tanto ?
- GOMES - (Observando-a): O teu rosto era rosado ... a tua boca fresca como un fruto maduro ...
- LAURINDA - Sou a mesma, pode crer !
- GOMES - E os teus olhos ...? (Para o empregado) Ó Luis, não achas que os olhos dela tinham un brilho diferente ?
- LAURINDA - São os mesmos ! Os seus é que mudaram !...

(Luis entretido com o cordel da paciência,
não responde) .

- GOMES - Sim, senhor! Pois folgo muito em ver-te ! Que tens
feito rapariga ?
- LAURINDA - Vivo .
- GOMES - Já saíste da loja ha uns bons dois anos ?...
- LAURINDA - Ha sete meses .
- GOMES - Não pode ser ! (Recordando): Mas vejamos: tu saíste e
eu pus, nessa tarde, um anuncio ... A Teresa, que ocupou
o teu lugar, entrou em Março ... (Noutro tom) . Tens razão
São sete meses ! Como o tempo passa !... (Pausa)
- LAURINDA - (Rompe o silencio, que se gera): A sua senhora está bem ?
- GOMES - (Franzindo o nariz): Nem por isso !...
- LAURINDA - Ciúmes ?
- GOMES - São nervos ! Embirra por tudo e por nada ! (Num
pressentimento, de ouvido à escuta): Parece-me que ela já
se foi ... (Para fora) Eugénia ! Estás aí Eugénia ? (Um
tempo) Abalou ! Já não era sen tempo ! Por hoje, respiro ...
(Dando com a paciência armada nas mãos do empregado,
tira-a para os seus dedos). Adoro os jogos inocentes !
(Mas verifica, com espanto) . Que piada ! Outra vez a
"sardinha" ! (Acriançado, corre para o fundo). Vou pregar
uma partida à Teresa ! Teresa ! Cá está outra vez a
"sardinha" ! Anda cá tirá-la, minha narota ! (Desaparece)
- LAURINDA - Por que me olha assim ?
- LUIS - (Que continua ajoelhado): Quer casar comigo Laurindinha ?
- LAURINDA - Oh, Luis, que pergunta !
- LUIS - Amo-a ! Sou feliz por poder adorá-la !
- LAURINDA - Levante-se (Desconcertadamente) Hoje já me calçou os
sapatos !

- LUIS - Ten razão ! Estou tanto neste hábito de calçar e descalçar a clientela ... que me ajoelho por tudo e por nada !...
- LAURINDA - (Sorrindo) Há coisas !...
- LUIS - O quê ?
- LAURINDA - Esta nossa conversa ... Isto tudo '... Não acha ? Eu sei que estou a dormir, mas ao mesmo tempo estou danadinha por me deitar !
- LUIS - Credo ! Não pode ser !
- LAURINDA - Pode, sim ... Eu estou a sonhar consigo ... Eu sei perfeitamente que estou a sonhar !... E que pesadelo horrível '... O guarda nocturno, o meu pai, a minha mãe ...
- LUIS - Mas o Sr. Gomes esteve aqui a jogar à "sardinha" ...
- LAURINDA - (Sorriso): Não Luis. Você está aqui ... porque eu estou a sonhar consigo ...
- LUIS - (Num calafrio) : Abrenúncio 'Até parece bruxedo !
- LAURINDA - Quer ser bonzinho para mim ? (Ele diz que sim) . Então vá-se embora . Deixe-me dormir descansada ... É quasi manhã .
- LUIS - Está bem, eu faço-lhe a vontade. (A sair) Amanhã eu posso voltar a vê-la ?
- LAURINDA - Não pense nisso ! Amanhã eu não quero ter outro pesadelo !
- LUIS - (Apoquentado) : Afinal eu não passei dumna maçada para si ... Tudo isto foi um pesadelo '...
- LAURINDA - (Nuna súbita alegria): Nem tudo ! Ele não disse que gosta de conviver com a gente nova ? ...
- LUIS - Quem ?
- LAURINDA - O Sr. Gomes ...
- LUIS - Ah ! Disse, sim ...
- LAURINDA - Ora se ele precisa assim tanto de gente nova ... é porque ser jovem é ser Alguém (Deslumbrada) . E eu sou ainda uma

- rapariga '... Tenho uma vida inteira diante de mim !
Que riqueza é isto de ser novo, Luis '...

LUIS - (Deslumbrado) : Laurindinha !

LAURINDA - Não se aproxime ! Vá-se embora ! O meu sonho tornou-se
feliz '...

LUIS - (Atirando-lhe um beijo): Adeus !

LAURINDA - (Deitando-se sobre o leito) Desapareça ! Leve tambem
este azul !...

LUIS - É a cor da loja '...

LAURINDA - Adeus Luis ! (Acomodando-se) Estou ansiosa por acordar !
Como eu posso ser feliz amanhã !....

(Luis gesticula como para afugentar o azul,
que acaba por dissipar-se com a sua saída.
Penumbra. Laurinda dorme ... Pela fresta do
tecto, desce a primeira claridade da manhã).

